

O DÓLMEN 1 DO CARAPITO (AGUIAR DA BEIRA, GUARDA): NOVAS DATAÇÕES DE CARBONO 14

Domingos J. da Cruz*
Raquel Vilaça*

1.

O Dólmen 1 do Carapito situa-se na freguesia do mesmo nome, concelho de Aguiar da Beira, distrito da Guarda. Foi escavado, em 1966, por Vera Leisner e Leonel Ribeiro, bem como três outros monumentos que existem nas suas imediações [Leisner e Ribeiro, 1968]. Mais recentemente, tendo em vista o restauro de alguns dos seus esteios e a consolidação e valorização deste sítio arqueológico, foram desenvolvidos novos trabalhos arqueológicos [Cruz e Vilaça, 1990], de que resultou a exumação de algum espólio — fundamentalmente constituído por micrólitos geométricos, 1 machado de pedra polida e 1 conta de colar — recolhido nas terras revolvidas e no enchimento das fossas de assentamento dos esteios.

Os referidos trabalhos permitiram ainda a rectificação de alguns pormenores dos levantamentos anteriores, nomeadamente a posição, em planta, dos dois primeiros esteios da câmara, a identificação de vestígios do contraforte que originalmente envolveria a construção megalítica, a definição funcional da “pedra-altar” [Ribeiro & Leisner, 1968] ou “stone X”, segundo a designação de E. Shee [1981: 154], como um grande fragmento, profusamente gravado, de um esteio da câmara, etc.

Sob o que restava do contraforte, na área do esteio de cabeceira, foi identificada uma fina camada de terra carbonosa, contrastando com o areão de base, que se relacionará com os trabalhos de limpeza e destruição da vegetação existente no sítio empreendida pelos construtores do megálito, ou por outras razões, talvez de ordem ritual — purificação através do fogo, etc.

Trata-se, como é bem sabido, de um dólmen de grandes dimensões — o maior da Beira Alta —, com uma câmara formada por nove esteios, de planta poligonal, ligeiramente alongada, medindo 5,16 m de comprimento e 4,68 m de largura, aberta a Nascente, com um vão de entrada, ao nível da base, de 1,54 metros.

Tecnicamente obedece às regras construtivas comuns à maior parte dos dólmenes da região e de outras áreas da Península Ibérica: esteios sobrepostos, apoiando-se na laje de cabeceira, enterrados em fossas de assentamento abertas no solo de base — que, neste caso, por vezes ultrapassava 1 metro de profundidade — utilização de pequenos pilares para obliterar os espaços entre os esteios, cobertura monolítica. Não foram detectados — tal como já se registava nos primeiros trabalhos arqueológicos realizados no monumento — quaisquer vestígios de um corredor de acesso ortostático.

2.

Da intervenção de Vera Leisner e Leonel Ribeiro, além do espólio descrito no texto monográfico sobre os monumentos do Carapito, resultaram duas amostras de madeira carbonizada, ambas recolhidas na camada inferior e relacionando-se com a utilização primária do monumento: GrN-5110:

* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra.

4850±40 BP (camada inferior, ao nível da base da câmara) e Hv-s/nº: 4590±65 BP (camada inferior, à entrada da câmara, a um nível um pouco superior) ¹. As duas determinações não são estatisticamente semelhantes, podendo tal relacionar-se com dois momentos distintos de utilização do monumento,

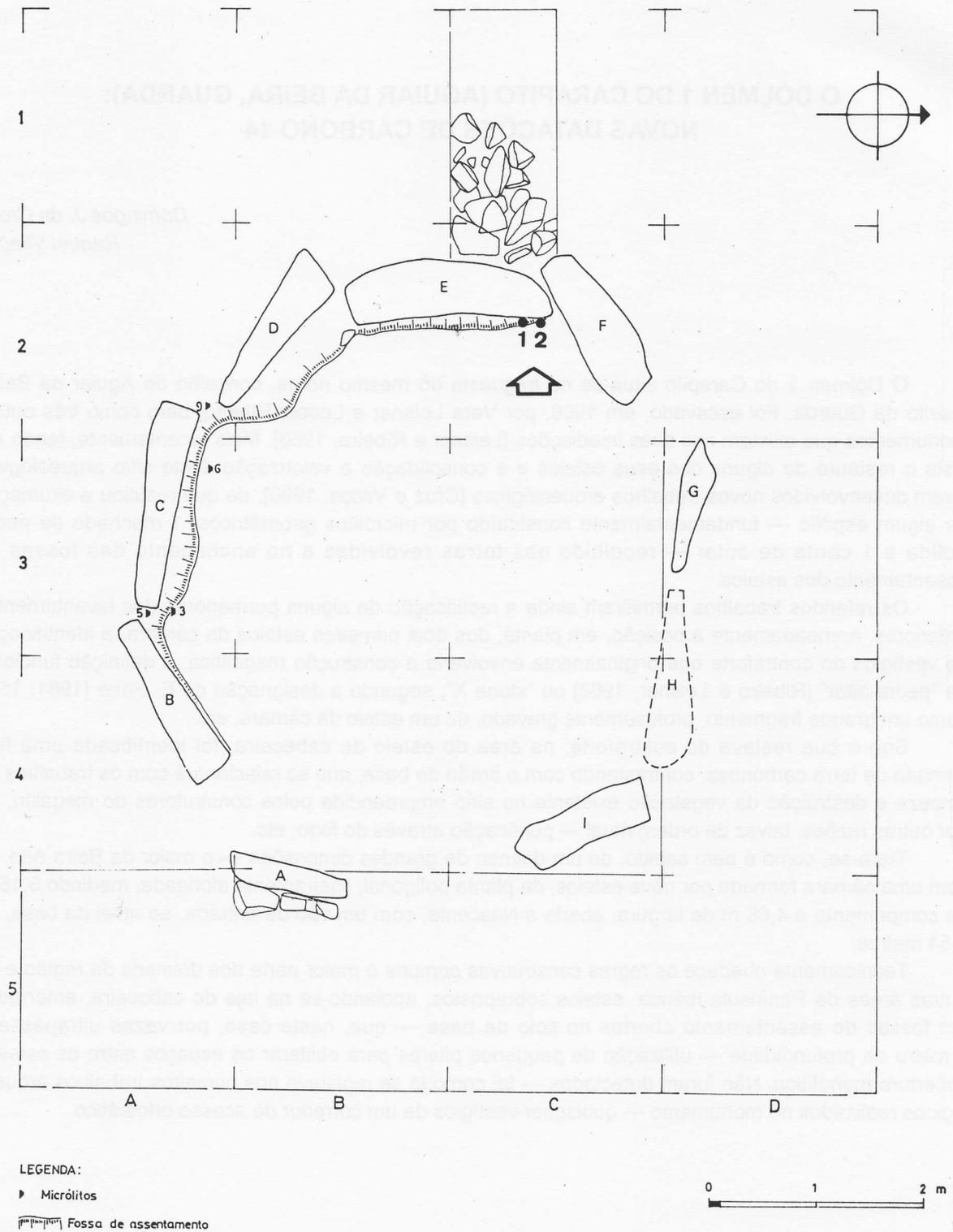


Fig. 1 — Planta do monumento. 1 e 2 - amostras de madeira carbonizada.

¹ Cfr. Leisner e Ribeiro, 1968; Kalb, 1981 e 1987.

situáveis entre 3775 e 3525 cal. AC, para a primeira, e 3510 e 3100 cal. AC, para a segunda². Trata-se, por outro lado, de análises realizadas há cerca de vinte e cinco anos, processadas em laboratórios distintos.

3.

Nos trabalhos realizados em 1988 recolheram-se também duas amostras de madeira carbonizada, provenientes da base da fossa de assentamento do esteio de cabeceira (esteio E, na sua extremidade norte), sob uma laje de pequenas dimensões, funcionando como “cunha”, sobre a qual aquele assentava. São distintas, exumadas à profundidade de 50 e 58 cm de profundidade (relativamente ao solo original da câmara = 4 metros), distanciadas uma da outra 13 cm. Dizem, portanto, respeito ao mesmo contexto e problemática arqueológica, senão mesmo ao mesmo indivíduo.

Admitimos que estes fragmentos de madeira datem o momento de construção do monumento, relacionando-se com a referida destruição da cobertura vegetal do sítio antes da sua construção.

A sua análise radiocarbónica³ foi realizada nos laboratórios de Radiocarbono das Universidades de Oxford e de Toronto, segundo o método de aceleração de iões por espectrometria de massa.

Ref.º Lab.	Ref.º Amostra	Tipo	$\delta^{13}\text{C}$	Idade Anos BP	Datas Calibradas AC	
					1 sigma	2 sigma
OxA-3733	01 (1988)	mad. carb.	- 26,9 ‰	5125 ± 70	3998-3817	4213-3780
TO-3336	02 (1988)	mad. carb.	- 25 ‰	5120 ± 40	3989-3822	4031-3813

Obs.: as datas calibradas foram obtidas seg. os métodos de G. W. Pearson, M. Stuiver e P. J. Reimer (“Radiocarbon”, 28 (1986), n.º 2B, pp. 805-934 e 980-1030).

Os resultados são estatisticamente semelhantes, confirmando-se um ao outro; diferem apenas nos valores dos desvios-padrão, mas tal justifica-se por uma das datações resultar de uma análise de alta precisão.

Admitimos que o Dólmen 1 do Carapito tenha sido construído, em datas convencionais, no último quartel do V milénio BP, correspondendo, em datas calibradas, para a probabilidade de cerca de 95%, ao primeiro quartel do IV milénio AC, com a possibilidade de tal ter ainda acontecido no último quartel do V milénio AC. Deste modo, as datações anteriores, para o interior da câmara, reportar-se-ão, como dissemos, a utilizações primárias do monumento — que, certamente, não terão sido as únicas —, a mais antiga das quais se situará nos primeiros 250 anos do IV mil. AC, não se distanciando muito do provável momento de construção.

² Datas calibradas para a probabilidade estatística de 2 sigma (c. 95%), com base na curva de Pearson, *et alii*, 1986 (Radiocarbon, vol. 28 (1986), n.º 2B, pp. 805-934 e 980-1030). Agradecemos ao Prof. Doutor Cecilio González Gómez, Director do Laboratório de Carbono 14 da Universidade de Granada, a amabilidade da calibração destas datações, bem como de todas as que se referenciam neste texto.

³ A análise das duas amostras foi parcialmente subsidiada pela Câmara Municipal de Aguiar da Beira e pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, no âmbito do programa “Fundo de Apoio à Comunidade Científica”, através do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, entidades a quem expressamos os nossos agradecimentos. As referidas amostras foram inicialmente enviadas ao Laboratório de Carbono 14 do Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares (ICEN) do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (Lisboa). Infelizmente, a primeira, “devido a um acidente na linha de síntese”, perdeu-se, e a segunda revelou-se “em quantidade insuficiente para datação”, segundo informação prestada por aquele laboratório.

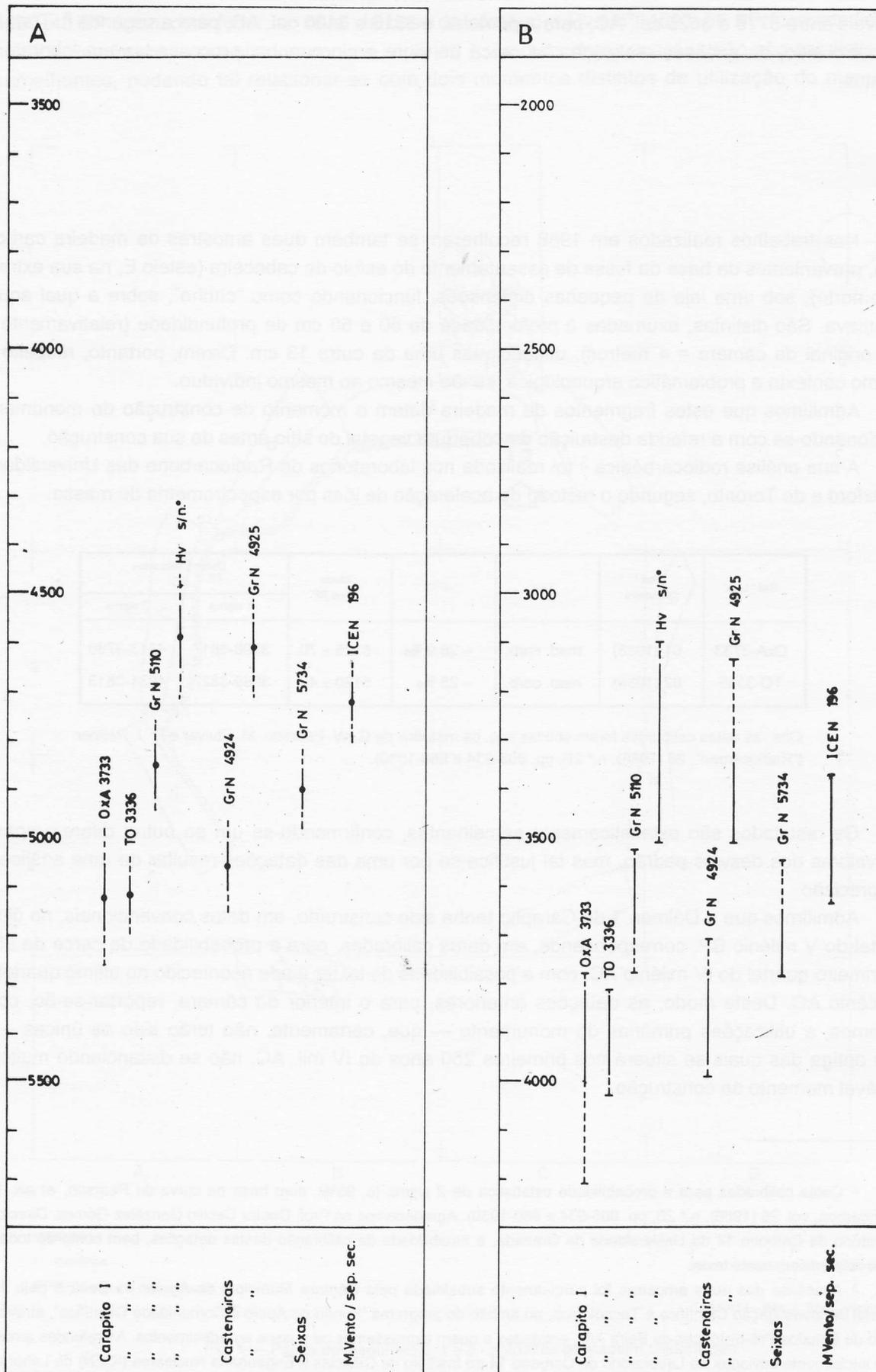


Fig. 2 — Representação gráfica das datações de Carbono 14 dos monumentos megalíticos da Beira Alta para os intervalos de confiança de 1 e 2 sigma. A - Datações convencionais BP; B - Datas calibradas AC.

4.

Estes valores, como é sabido, aproximam-se de outras datações de monumentos megalíticos desenvolvidos da Beira Alta, destacando-se: Orca de Castenairas (Vila Nova de Paiva) ⁴ e, em certa medida, Orca de Seixas (Moimenta da Beira) ⁵; e de monumentos funerários colectivos, ortostáticos ou não, do interior peninsular (Meseta espanhola): Ciella (Burgos) ⁶, El Moreco (Burgos) ⁷, El Miradero (Valladolid) ⁸, Azután (Toledo) ⁹, etc., cujos espólios, correspondentes à sua utilização primária, têm também um carácter "arcaizante", constituídos por micrólitos, lâminas, machados de pedra polida, objectos de adorno, etc., registando-se a ausência de pontas de seta, como, aliás, se tem verificado em monumentos de outras áreas peninsulares, datados ou não pelo processo de Carbono 14, considerados da fase mais antiga do megalitismo, nomeadamente no norte de Portugal (Cruz, 1992) e Galiza (Fábregas, 1988; Diéguez, neste vol.), Alto Alentejo (Leisner & Leisner, 1951), Valência de Alcantara (Primitiva, 1988), etc.

5.

As novas datações de Carapito 1, não invalidando as anteriores, permitem apenas precisar o momento da sua construção, extensível, talvez — se atentarmos nos resultados das datações das orcas de Castenairas e de Seixas, além de outros indícios de carácter relativo (arquitectura e espólios) —, aos grandes monumentos megalíticos da Beira Alta, permanecendo em aberto a situação cronológica dos pequenos dólmenes poligonais, fechados ou abertos, eventualmente com a definição da entrada, através de um vestíbulo ou de um corredor curto, também em significativo número na região.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (1970), Las Fechas del C14 para la Prehistoria y la Arqueología Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, 27, Madrid, pp. 9-43.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1972), Nuevas Fechas para la Prehistoria y Arqueología Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, 29, Madrid, pp. 232-236.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988), *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*, "Excavaciones Arqueológicas en España", vol. 155, Madrid, Ministerio da Cultura, 210 pp.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1991), *Megalitos en la Meseta sur: los dolmenes de Azután y la Estrella (Toledo)*, "Excavaciones Arqueológicas en España", vol 159, Madrid, Ministerio da Cultura, 130 pp.
- CRUZ, D. J. (1992), *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*, "Conimbriga/Anexos", 1, Coimbra, 170 pp., XXI est., 8 desd.
- CRUZ, D. J.; VILAÇA, R. (1990), *Trabalhos de Escavação e Restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, dist. da Guarda). Resultados preliminares*, "Trabalhos do Instituto de Antropologia 'Dr. Mendes Corrêa'", 45, Porto, Faculdade de Ciências, 23 pp., VI Est., 1 desd.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1984), Fechas de radiocarbono para el megalitismo de la Meseta española, *Arqueologia*, 10, Porto, pp. 99-102.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1985), El Neolítico. Los comienzos de la agricultura y la ganadería en la Meseta, in *História de Castilla y León. 1. La Prehistoria del Valle del Duero*, Valladolid, Ambito Ediciones, S.A., pp. 22-35.

⁴ GrN-4924: 5060±50 BP [3990-3709 cal. AC] (camada inferior da câmara) e GrN-4925: 4610±50 BP [3510-3135 cal. AC] (idem, num nível superior). Cfr. Leisner e Ribeiro, 1966; Almagro Gorbea, 1970; Kalb, 1981 e 1987. A primeira destas datações é estatisticamente semelhante às agora publicadas do Dólmen 1 do Carapito, situando-se também no 1.º quartel do IV mil. AC. As datas calibradas deste monumento, e dos que a seguir se referenciam, reportam-se à probabilidade de c. de 95%.

⁵ GrN-5734: 4900±40 [3783-3548 cal. AC] (camada inferior da câmara). Cfr. Almagro Gorbea, 1972; Kalb, 1981 e 1987.

⁶ GrN-12121: 5290±40 BP [4240-3999 cal. AC] (camada de incêndio subjacente ao monumento). Cfr. Delibes, 1984: 102; idem, 1985: 32; idem e Santonja, 1986: 199.

⁷ GrN-12994: 5150±60 BP [4214-3789 cal. AC] (superfície do solo primitivo). Cfr. Delibes e Rojo, 1989: 54.

⁸ GrN-12100: 5115±35 BP [3997-3814 cal. AC] e GrN-12101: 5155±35 BP [4036-3822 cal. AC]. Cfr. Delibes, 1985: 33; idem e Santonja, 1986: 199; idem, *et alii*, 1987: 184.

⁹ Ly-4578: 5750±130 [4936-4350 cal. AC], UGRA-288: 5060±90 BP [4038-3692 cal. AC], Ly-4500: 4590±90 [3620-3040 cal. AC], para amostras de ossos recolhidas no interior da câmara. Cfr. Primitiva Bueno, 1991: 57.

- DELIBES DE CASTRO, G.; ALONSO DIEZ, M.; ROJO GUERRA, M. A. (1987), Los sepulcros colectivos del Duero medio y las Loras y su conexión con el foco dolménico riojano, in *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Madrid, Ministerio da Cultura, pp. 181-197.
- DELIBES DE CASTRO, G.; ROJO GUERRA, M. (1989), Pintura esquemática en el sepulcro de corredor burgales de "El Moreco", Huidobro, *Arqueologia*, 20, Porto, pp. 49-55.
- DELIBES DE CASTRO, G.; SANTONJA, M. (1986), *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Salamanca, Diputación de Salamanca, 225 p., XL Est.
- KALB, P. (1981), Zur Relativen Chronologie Portugiesischer Megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Berlim, pp. 55-77, 3 desd., 1 extra-texto.
- KALB, P. (1987), Megalithgräber zwischen Tejo und Douro, *Madrider Forschungen*, band 16, Berlim, Walter de Gruyter, pp. 19-33, I est. [Problem der Megalithgräberforschung. Vorträge zum 100. Geburtstag von Vera Leisner].
- LEISNER, G. e V. (1951), *As antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 322 pp., LXIII est.
- LEISNER, V.; RIBEIRO, L. (1966), A Escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas — Vila Nova de Paiva, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 7-15.
- LEISNER, V.; RIBEIRO, L. (1968), Die Dolmen von Carapito, *Madrider Mitteilungen*, 9, Berlim, pp. 11-62.
- RIBEIRO, L.; LEISNER, V. (1968), Relatório dos trabalhos da missão arqueológica Leisner/Ribeiro, realizados na Beira Alta (...), *Arqueologia e História*, 9.ª série, I, Lisboa, pp. 13-28.
- SHEE TWOHIG, E. (1981), *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 259 pp., 290 figs., XLI est.



1 Aspecto geral do monumento durante os trabalhos de restauro e consolidação (1988).



2. Laje de cabeceira, ao nível da base. Sinaliza-se a área onde foram recolhidas as duas amostras de madeira carbonizada